

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM – UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

Isley Aparecida Padilha¹

RESUMO

Este trabalho pretende auxiliar os educadores, principalmente aqueles que vivenciam em sua prática de sala de aula momentos de dúvidas e incertezas na abordagem de alunos com dificuldades de aprendizagem. Na busca de caminhos, melhor entendimento, sugestões de abordagens, indicações e reflexões sobre esse tema. Se levarmos em conta o poder e a influencia do educador no desenvolvimento acadêmico, na aprendizagem e na autoestima do aluno, percebemos que diante da nova realidade sentida e conhecida da atual sociedade – acelerada, individualista, com muita concorrência - os educadores precisam assegurar os direitos dos indivíduos com dificuldades de aprendizagem sem preconceitos ou discriminação. Numa sociedade de rápidas mudanças, na busca de seres humanos excepcionais em inteligência, fica difícil para o ser humano comum orientar-se socialmente onde o menor sinal de fracasso poderá ser sentido como sinal de isolamento ou morte em vida. É necessário um trabalho voltado ao desenvolvimento de um individuo reflexivo, crítico, independente e confiante em seus conhecimentos. Livre para considerar a pluralidade de saberes e valores, de entender-se no mundo aceitando suas dificuldades, seu ritmo, sua identidade, construindo no dia a dia de sala de aula seu conhecimento com compreensão, esforço e dedicação. Trataremos também sobre a relação professor aluno, sobre fatores ambientais e pedagógicos que podem dificultar a adaptação acadêmica, repercutindo não só na aprendizagem deste aluno, mas na vida social, familiar e profissional do mesmo. Uma reflexão é necessária sobre esses efeitos e também alertar sobre a necessidade de encaminhamento para um diagnóstico e tratamento para os casos mais graves de dificuldades de aprendizagem. Com isso pretende-se ampliar as discussões utilizando referencias de autores diversos, caminhando no sentido da inclusão de práticas pedagógicas que visem evitar o isolamento e a evasão, oferecendo situações orientadas à superação do problema ou a descobrir a melhor forma de lidar com ela.

Palavras chave: dificuldades de aprendizagem, reflexões, educador.

¹ Psicóloga e Psicopedagoga clínica, Especialista em Recursos Humanos. Professora de Graduação e Pós-Graduação nas áreas de Administração, Pedagogia e Psicopedagogia.

ABSTRACT

This work intends to assist educators, particularly those who live in their practice of classroom moments of doubt and uncertainty in dealing with students with learning difficulties. Searching ways, better understanding, suggestions of approaches, indications and reflections on this theme. If we consider the power and influence of the educator in academic development, in learning and student self-esteem, we realize that before the new reality felt and known by the modern society - accelerated, individualistic, with too much competition - educators need to ensure the rights of individuals with learning disabilities without prejudice or discrimination. In a society of fast changes, in search of exceptional human beings in intelligence, it is difficult for an ordinary human being guides himself socially where the slightest sign of failure can be felt as a sign of isolation or living death. It is necessary to work focused on the development of an individual reflective, critical, independent and confident in their knowledge. Free to consider the plurality of knowledge and values, to understand the world accepting its difficulties, its rhythm, its identity, building on a daily classroom knowledge with understanding, effort and dedication. We will also talk about the relationship between student and teacher, and teaching about environmental factors that can interfere academic adjustment, reflecting not only the learning of the student, but in his social life, family and work. It is necessary a reflection about these effects and also to recommend about the necessity for diagnosis and treatment for more severe cases of learning difficulties. With all this, it is intended to extend the discussion using references of different authors, moving towards the inclusion of pedagogical practices that aim to prevent isolation and avoidance, offering oriented situations to overcome the problem or to find out what is the best way to deal with it.

Keywords: learning disabilities, reflections, educator.

INTRODUÇÃO

A escola, desde o século XIX, tornou-se uma atividade obrigatória, e, desde então, a escolaridade passou a ter um papel fundamental para a ascensão social. A partir desse período, as dificuldades escolares e os seus fracassos passaram a ser considerados como um problema importante ou até mesmo uma doença. Várias poderão ser as causas determinantes das dificuldades de aprendizagem. Por exemplo, causas orgânicas, neurológicas, familiares, psicológicas, pedagógicas etc. Trataremos sobre a relação professor aluno, sobre fatores emocionais desta relação e fatores ambientais/ pedagógicos – como planejamentos, planos de estudo - que podem dificultar a adaptação acadêmica, repercutindo não só na aprendizagem, mas na vida social, familiar e profissional do aluno.

É fundamental nesse momento o papel do professor, pois ao acreditar nas possibilidades do aprendiz, valorizando o que ele é capaz de fazer, pode entusiasmar-lo para realizar tentativas, entendendo seu desempenho como o melhor que pode obter naquele momento, ampliando possibilidades de ser melhorado. A dificuldade de aprendizagem não deveria ser encarada como algo oposto à aprendizagem. Porque o erro faz parte do processo, ele deveria ser encarado como algo construtivo no processo de aprendizagem. O papel do professor passa a ser fundamental, pois a forma como encara a dificuldade de seu aluno pode ser facilitadora ou dificultadora do seu processo de aprender. Contudo, não podemos negar a existência de dificuldades advindas de obstáculo de caráter orgânico, afetivo, social ou funcional, porém, devemos alertar para o fato de que tais dificuldades fazem parte do processo de aprendizagem de uma determinada pessoa e o professor como mediador deve atentar para o fato com um olhar especial sobre o aluno.

Para lidar com as dificuldades em sala de aula é preciso encará-las de forma processual e não como um tumor que precisa ser eliminado ou aceito de forma passiva sem nada fazer, como se “desistisse” daquele aluno porque “ele tem problema não posso fazer nada mesmo”...

Por isso a importância do papel docente na percepção do aluno, no acompanhamento do mesmo em sala de aula e na busca constante de aprender e melhorar a si mesmo em sua prática, ciente enquanto cidadão responsável por formar outros cidadãos, melhores pessoas e profissionais.

1. A APRENDIZAGEM E AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Antes de enfocarmos a dificuldade, se faz necessário falar sobre o processo de aprendizagem. Como este processo acontece e quando e por que surgem as dificuldades?

De acordo com a Epistemologia Convergente, proposta por Jorge Visca, o ser humano aprende ininterruptamente do seu nascimento em diante. Visto que esta teoria fundamenta-se na assimilação recíproca das contribuições das escolas piagetianas, psicanalíticas e da psicologia social, podemos dizer que a aprendizagem é uma variável dependente dos aspectos afetivos, cognitivos e

sociais que acontecem simultaneamente em virtude de um processo de retroalimentação constante.(Barbosa, 2001).

“As dificuldades de aprendizagem podem ser consideradas quando houver problemas na emissão da informação, integração ou recepção da mesma. Ou quando houver dificuldade de percepção e memória”, segundo Barbosa (2006). O tratamento poderá incluir a participação de médico bem como de outros profissionais especialistas, como psicólogo, psicopedagogo, fonoaudiólogo e outros, em conjunto com os professores e a família. Portanto, quando o aluno tem dificuldade de expressar-se de forma verbal e escrita, em formular o pensamento em forma de palavras, na interpretação, percepção, assimilação e armazenamento das informações, ele tem dificuldades de aprendizagem.

Os transtornos são manifestados por dificuldades específicas geralmente devido à disfunção do sistema nervoso central, e podem ocorrer ao longo do ciclo vital, mas não serão tratados neste artigo senão o tornaríamos extremamente amplo.

A forma organicista de ver o cérebro e de conceber os problemas de aprendizagem ao longo dos anos, fez com que muitos profissionais de diversas áreas entrassem no espaço escolar para dizer o que deveria ser feito com a criança, desconsiderando o contexto escolar e a especificidade da tarefa escolar. Uma visão clínica de doença, de remediação e de recuperação instalou-se no ambiente escolar.

Em décadas passadas ficou muito famoso o diagnóstico da deficiência cerebral mínima para quase todos os que tinham problemas de aprendizagem. É inegável também que frente a alguns transtornos específicos se faz necessário o uso de medicamentos monitorados pelo médico, mas não se pode generalizar.

E assim, o aluno ficava sendo o único responsável pelo déficit na aprendizagem, tirava-se o professor da “jogada” e culpava-se o seu desempenho não cooperativo com o tratamento. Esta visão patológica de aprendizagem desviou a escola da sua ação educativa e as falhas foram buscadas no aprendiz, o que não é benéfico, já que isso não promove o

crescimento dos profissionais da educação e nem da própria instituição educacional. Em geral os professores pedem livros ou exercícios que tragam soluções mágicas para as dificuldades como dislexia (dificuldade de leitura), disgrafia (dificuldade na escrita), discalculia (dificuldade de cálculo) e assim por diante (José, 1997). Este é o principal resquício, segundo Barbosa (2006), de que ainda convivemos com uma forte concepção clínica/organicista das dificuldades de aprendizagem. É inegável, ainda segundo a autora, que o aprendiz é um organismo. No entanto, este organismo não é uma simples máquina desconectada do mundo. Ele tem interferência do meio no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

1.1. ALGUNS FATORES QUE INFLUENCIAM O DESENVOLVIMENTO E A APRENDIZAGEM

Levando em consideração estudos de um importante psicólogo do desenvolvimento humano, Jean Piaget (Apud Bock, p. 98-99, 1999), vários são os fatores que influenciam o desenvolvimento cognitivo, dois deles são:

- Hereditariedade – a carga genética estabelece o potencial do indivíduo, que pode ou não desenvolver-se. Existem pesquisas que comprovam os aspectos genéticos da inteligência. No entanto, a inteligência pode desenvolver-se aquém ou além do seu potencial, dependendo das condições do meio que encontra.
- Meio – o conjunto de influências e estimulações ambientais altera os padrões de comportamento do indivíduo. Por exemplo, se a estimulação verbal for muito intensa, uma criança de três anos pode ter um repertório verbal muito maior do que a média das crianças de sua idade.

Por isso o papel do professor é o de facilitar o processo. Estimulo nas aulas, a busca de materiais e recursos diferenciados para melhorar a atenção nas aulas é muito importante.

Para entender as influências genéticas sobre o comportamento é importante entender também que durante todo o desenvolvimento predominam diferentes influências genético-ambientais sobre a aprendizagem.

Geralmente uma criança que resolve problemas com facilidade receberá tratamento favorável na escola. Um estudante relapso experimentará hostilidade e frustração. Neste sentido, percebemos como o meio é importante no desenvolvimento e na aprendizagem.

A aprendizagem não deveria ser encarada apenas como o estudo ou a memorização de conteúdos. Ao aluno deve ser oportunizada a participação em ações culturais beneficentes e também teatros, cinemas, museus, viagens, e, sobretudo o acesso a leituras variadas.

Quem aprende não coloca em funcionamento somente os aspectos orgânicos. A aprendizagem exige o encontro de um sujeito histórico, um organismo, um nível de estruturação cognitiva, um sujeito que possui emoção e tantos outros aspectos humanos e sociais. Pain (Apud Barbosa, 2006).

2. OBSTÁCULOS À APRENDIZAGEM

Para Visca (1987), as dificuldades de aprendizagem são sintomas que decorrem de obstáculos que aparecem no mesmo momento histórico em que está ocorrendo a aprendizagem, resultando de toda a história vivida pelo aprendiz, nas suas dimensões afetivas, cognitivas, sociais, orgânicas e funcionais.

Portanto, a presença de um obstáculo no processo de aprendizagem não indica a existência de dificuldades permanentes, mas sim, a forma que o sujeito encontrou de auto-regular seus esquemas de aprendizagem. Neste sentido, a busca da superação desses obstáculos deve acontecer não como uma proposta de cura, mas como um encontro para a ampliação de recursos a serem utilizados neste movimento de busca de equilíbrio e de auto-regulação.

É fundamental nesse momento o papel do professor. Acreditar nas possibilidades do aprendiz, valorizar o que ele é capaz, entusiasmar-lo para realizar tentativas, entendendo seu desempenho como o melhor que pode obter naquele momento, porém, com possibilidades de ser melhorado pela mediação. A dificuldade de aprendizagem não deveria ser encarada como algo

oposto à aprendizagem. Porque o erro faz parte do processo, ele deveria ser construtivo. O papel do professor passa a ser fundamental, pois a forma como encara a dificuldade de seu aluno pode ser facilitadora ou dificultadora do seu processo de aprender. Com isso não podemos negar a existência de dificuldades advindas de obstáculo de caráter orgânico, afetivo, social ou funcional, porém, alertar para o fato de que tais dificuldades fazem parte do processo de aprendizagem de uma determinada pessoa. E por isso precisam ser encaradas de forma processual, na forma de etapas a serem vencidas.

Para Visca (1987, apud Barbosa, 2006)), um dos obstáculos a ser considerado é o da ordem do conhecimento, que se caracteriza por oferecer uma informação muito mais complexa do que o sujeito aprendiz dá conta. O professor precisa saber o que os alunos já conhecem sobre o tema a ser trabalhado, para adequar a informação ou a exigência, trazendo-as para um nível compatível à competência deles para que possam acompanhar, hipotetizar, estudar, comparar, criar, concluir e crescer com aquele conhecimento, somando ou transformando-o.

Porém, quando algum aluno distanciar-se muito do tema, tendo como parâmetro seus colegas, será preciso buscar recursos para que continue aprendendo sem ser excluído do processo. Um obstáculo ligado ao conhecimento exige do professor a capacidade de trabalhar com diferentes níveis de compreensão, com uma dinâmica capaz de acolher conclusões com distintos graus de complexidade, sem gerar no grupo de aprendizes os sentimentos de superioridade e inferioridade. Pois um tópico que aparentemente não tem nada a ver com a aula pode ser aproveitado para ilustrar algo importante.

Outro obstáculo é de ordem cultural, o mais comum em nosso país, porque se espera que todos aprendam as mesmas coisas, ao mesmo tempo, apesar de terem tido experiências sociais bem distintas. Este obstáculo poderá ser minimizado quando os professores souberem trabalhar com a pluralidade cultural, aproveitando-a para o exercício da construção do conhecimento e considerando a diferença não como fator de marginalização, mas sim, de crescimento. Alguns alunos advindos de famílias culturalmente menos favorecidas podem necessitar naturalmente de mais tempo para se adaptar e

assimilar novos conhecimentos. E depois de algum tempo acompanhar a turma normalmente.

O terceiro obstáculo descrito por Visca (Apud Barbosa, 2006), é de caráter afetivo e diz respeito aos medos que o aprendiz sente frente ao novo conhecimento a ser aprendido. O aprendiz pode sentir medo da confusão gerada pela novidade de não conseguir superá-lo esperando que os outros aprendam, respondam e realizem por ele, ou pode sentir medo de perder o conhecimento que já conseguiu conquistar e diante do novo conhecimento silencia, deprime e pode conseguir não integrá-lo ao conhecimento anterior.

Estes medos podem aparecer em diferentes graus, necessitando, em alguns casos, de ajuda de outro profissional. Na maioria dos casos, o professor pode agir através de atitudes que mobilizem o aprendiz a superar o medo e a estabelecer um vínculo positivo com as situações de aprendizagem, auxiliando-o na superação da dependência, da defesa e da depressão frente ao conhecimento a ser aprendido. Elogios a cada etapa conquistada, por menor que seja, auxiliam na melhora da auto confiança e autonomia do aluno aprendiz.

Assim que supere este medo, sua auto-estima melhora e conquista mais confiança em sua capacidade de aprendizagem.

O quarto obstáculo descrito pelo autor é de caráter funcional e diz respeito a questões orgânicas e àquelas ligadas ao funcionamento do pensamento. O obstáculo funcional necessita de um conhecimento específico do professor sobre as várias formas de abordar um assunto, para que eles possam compreender a diversidade e posicionar-se diante da produção de seus alunos. Pois, quando se espera somente uma forma de funcionar, temos muito mais chances de considerar aqueles que não se aproximam desta forma como portadores de dificuldades de aprendizagem.

Se o sujeito da aprendizagem é, segundo Dolle (1993, apud Barbosa, 2006), uma combinação de sujeitos biofisiológico, racional, social e afetivo, não podemos considerar nem a aprendizagem, nem a dificuldade de aprendizagem isolando apenas uma destas dimensões.

Em toda a ação humana este ser inteiro precisa ser considerado em interação com as situações de aprendizagem, pois certamente ali estarão agindo componentes herdados geneticamente e adquiridos com a experiência, com o meio.

3. IDENTIFICAÇÃO, INTERVENÇÃO, PREVENÇÃO E ENCAMINHAMENTO DOS PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM

Importante também é descobrir as causas das dificuldades, encaminhar se for o caso para intervenção e tratamento urgente, para aliviar a carga de sofrimento psíquico que poderá levar a baixa da auto-estima e agravar ainda mais a situação do aluno.

Obviamente não será possível tratar da identificação de todos os problemas de aprendizagem. Algumas dificuldades e distúrbios mais específicos e de ordem neurológica, haverá indicação de bibliografia ao final deste artigo.

3.1. IDENTIFICAÇÃO

Segundo Fletcher (2009), a capacidade de produzir os próprios pensamentos por escrito envolve uma forma de comunicação que exige diversas habilidades cognitivas. Ao produzir um texto, o estudante deve, simultaneamente, prestar atenção ao tema, ao texto e ao leitor. Os déficits na linguagem oral e na leitura costumam ser precursores das dificuldades no processo de escrita e cálculo (interpretação), e a atenção e a memória também desempenham papéis fundamentais. Por mais simples que pareça, alguns pesquisadores mostram que aumentar a prática com a leitura e a escrita pode ajudar a melhorar a produção de textos. Outros estudos concentraram-se nas características daqueles que são bons e fracos na expressão escrita. Nesses estudos, diversos pesquisadores (Bereiter, 1980; Berninger, 2004; Hayes e Flower, 1980; Hooper et al., 1994 apud Fletcher 2009) relatam que indivíduos que escrevem bem são focados nos objetivos, entendem o propósito da tarefa escrita, têm um bom conhecimento do tema antes de escrever, geram mais idéias e usam números significativos de ganchos entre as sentenças; produzem um texto e fluxo de idéias mais coerentes; e monitoram

constantemente os seus produtos escritos para corrigir a ortografia e a gramática. Mais recentemente, estes pesquisadores observaram que os escritores com transtornos de aprendizagem apresentam déficits no uso de estratégias e planejamento durante a produção de texto escrito e também têm dificuldade para criar textos. Em comparação com os “bons” escritores, aqueles com transtornos de aprendizagem produzem textos mais curtos e menos interessantes, com texto mal-organizado nos níveis das sentenças e dos parágrafos, e são menos prováveis de revisar a ortografia, a pontuação, a gramática ou o corpo do texto para aumentar a clareza (Hooper et al, 1994). Essas observações levam diretamente a intervenções para tratar as dificuldades com a produção textual.

Ainda segundo Fletcher (2009), os programas de prevenção geralmente envolvem avaliações para identificar estudantes com dificuldades de aprendizagem e intervenções para tratar déficits específicos.

Alguns desses programas também abordam necessidades acadêmicas na área do vocabulário e da compreensão, e podem ser realizados com o auxílio do profissional psicopedagogo.

3.2. INTERVENÇÃO DOCENTE

Estudos em sala de aula

Os estudos em sala de aula englobam a implementação de plano de ensino voltado para aquele aluno em particular, ora a ser realizado individualmente, ora com a turma toda, sempre dirigida pelo professor.

Instrução direta: tem um ritmo acelerado e segue um plano de aula predeterminado. Esse método baseia-se em sistemas de análise de tarefas, proporcionando oportunidades de prática, como livros de exercícios individualizados que seguem o conteúdo da aula desenvolvida pelo grupo, mas com etapas mais detalhadas para o aluno em particular com dificuldades.

Os programas de instrução direta são muito criticados, apesar da grande base de evidências indicando sua efetividade. As críticas dizem respeito à possibilidade de comprometer o pensamento crítico e quando a falha está no clima de sala de aula ou na relação professor aluno.

Estratégias de aprendizagem com auxílio dos colegas: uma intervenção alternativa e de baixo custo no nível da sala de aula foi desenvolvida com base na aprendizagem cooperativa. A aprendizagem cooperativa refere-se a um conjunto de práticas envolvendo instrução em grupos pequenos e alunos trabalhando juntos em atividades de aprendizagem. Essas atividades emergem de vários dos modelos revisados, integrando princípios cognitivos, comportamentais e construtivistas. Como um conjunto de práticas, a aprendizagem cooperativa tem uma grande base científica, que proporciona um forte amparo para o seu uso no nível da sala de aula. Isso ocorre em parte porque essas práticas facilitam o manejo da sala de aula e diferenciam a instrução por seu foco em grupos menores.

3.3. PREVENÇÃO

Morales (2008), diz que o aprendizado não é um processo meramente cognitivo ou intelectual. O modo como nos sentimos influi poderosamente em como e quanto aprendemos. Ignorar essa dimensão emocional não conduz a nada e, além disso, prestar atenção ao âmbito afetivo dos alunos pode melhorar o aprendizado convencional das matérias. Dá a impressão de que essa atenção ao âmbito afetivo da sala de aula é mais conveniente no ensino fundamental e médio do que no ensino superior, mas a verdade é que os sentimentos interferem em um aprendizado mais eficaz em qualquer idade. Algumas das estratégias de ensino também são ferramentas de trabalho poderosas que mobilizam e auxiliam o aluno na construção do conhecimento. Alguns exemplos são tempestade cerebral, Philips 66, mapa conceitual e outras, que podem ser encontradas em Anastasiou (2010). A orientação para que o aluno desenvolva um planejamento de ensino também é indicado. Hora e local de estudo em casa. De preferência um local onde não tenha acesso no momento do estudo, ao telefone, TV, rádio ou outra forma de distração do foco dos conteúdos a serem estudados.

3.3.1. Atitudes e condutas: como nos vemos como professores

Uma pesquisa interessante, Deiro (1995, apud Morales, 2008) analisa como os professores estabelecem uma relação sadia com seus alunos, de ajuda e apoio. Essa pesquisa é do tipo qualitativo e se baseia em uma série de entrevistas feitas com professores conhecidos por sua dedicação. Os bons

professores desse estudo coincidem em uma série de pontos que também vemos em outras fontes de estudos. Não remetem a traços de personalidade, mas às próprias atitudes, a como os professores se consideram como professores.

1. Vêem sua profissão docente como uma oportunidade para ajudar e servir aos outros. Alguns professores acrescentam até uma motivação religiosa; seu compromisso pessoal os leva a adotar uma atitude de serviço. Outros, comparando a profissão docente com outras profissões, consideram os alunos como clientes, aos quais têm de proporcionar um serviço e a cujas necessidades têm de se adaptar. Vêem-se numa posição de poder, vêem-se como uma fonte de recursos e sentem que têm de utilizar esse poder para ajudar seus alunos.

2. Acreditam que os professores têm a responsabilidade ética e moral de fazer-se conscientes do impacto que eles têm sobre os alunos. Esse impacto de qualquer professor existe, e não se pode fechar os olhos para essa realidade. Tal influência não se dá apenas na linha dos conhecimentos e do desenvolvimento intelectual; incide também no desenvolvimento emocional e social dos alunos. Podemos influir também no desenvolvimento moral, no discernimento dos próprios valores e no discernimento para saber o que eles querem fazer com suas vidas. Nos professores temos uma grande influência, ou podemos tê-la, na vida de nossos alunos.

3.3.2. Reflexão: sobre como somos e como podemos ser

Podemos ver nosso papel de professores de maneiras diferentes. Podemos nos ver como meros “ensinadores” de nossa matéria. Mas, de qualquer modo, devemos pensar o seguinte:

- Mesmo sem conceber nossa profissão docente como uma profissão de ajuda mais integral, é uma pena desperdiçar a ocasião que nos é proporcionada por tantas horas passadas com nossos alunos. É o mínimo que podemos dizer. Se nossos alunos já são bons, sempre podem ser melhores e, com

freqüência haverá alunos não tão bons, que necessitam de mais ajuda, de motivação, ganhar confiança em si mesmos.

- Qualquer que seja nossa postura pessoal, sem dúvida transmitimos mais do que ensinamos formalmente e pode acontecer que isso seja o mais importante e duradouro. Não há relação humana em que não se dê uma influencia mútua. Influímos, para bem ou para mal, querendo ou não.

- A mera docência de conhecimentos e habilidades, a relação e comunicação inevitáveis produzidas em torno do puramente acadêmico (provas, normas, etc), pode ser veículo de mensagens mais importantes, de disciplina, organização, responsabilidade, flexibilidade. Por isso é necessário fazer alusão mais de uma vez às oportunidades perdidas.

- Os estudos sobre o bom professor são pródigos em análise de atitudes: umas são meramente didáticas (preparar bem as aulas, explicar ordenadamente, informar o que é importante a tempo e as formas de conduzir as avaliações); outras são mais de caráter relacional (sorrir e animar com o olhar, escutar com atenção, não interromper bruscamente, não deixar ninguém sentir-se ridículo, aproveitar um comentário para relacionar ao que está sendo estudado, etc). É claro que tais condutas potencializam (e constituem) uma boa relação (relação em si mesma educativa, de ajuda de transmissão de ensinamentos importantes e duradouros), qualquer que seja nossa característica pessoal, se forem coerentes com nossas atitudes e com o modo pelo qual vemos nossa missão e tarefa de professores. Daqui deveria surgir uma reflexão eficaz para melhorar profissionalmente.

- Somos pessoas ocupadas: as tarefas docentes cansam, obedecemos a horários, sempre há tarefas extras (como corrigir provas), boa parte de nossas energias se consome em controlar a classe. Isso não é mais do que suficiente? Pode haver uma reflexão sobre o como (fazer nossas múltiplas atividades), sobre onde estão nossas ênfases e prioridades.

3.4. ENCAMINHAMENTO

Uma reflexão é necessária para alertar também os educadores sobre a necessidade de encaminhamento para diagnóstico e tratamento o mais breve possível para os casos mais graves das dificuldades de aprendizagem, casos de dislexia¹, disgrafia², discalculia³ e outros (José, 1999). Como alunos que apresentam comportamentos inconvenientes ou inadequados, causando danos a si mesmos e aos outros, bem como prejuízo em suas relações no contexto em que vivem. Apresentando além das dificuldades de aprendizagem, dificuldades de adaptação, inviabilizando as relações do aluno com o seu professor, com seus colegas ou com materiais de uso coletivo. Se tais atitudes se manifestarem num contínuo, desde a simples inquietude até isolamento ou quietude excessiva e comportamentos estranhos que permanecem por um tempo prolongado, acima de seis meses, podem ser indicadores de transtornos. E então faz-se necessário o encaminhamento a profissionais especializados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabem aqui muitas estratégias didáticas de que não tratei e muitas causas que não foram definidas. Mas de fato o impacto e a influência dos professores sobre os alunos vão além dos conhecimentos e habilidades que são ensinadas. Nisto pode consistir o mais importante da atividade de professor: incidir em valores, atitudes, hábitos, motivação, em como eles vêm a si mesmos. Procurar esse bom relacionamento pode ser difícil com alguns alunos: com frequência, os que vão pior são os que nos causam maiores problemas, e às vezes uns poucos consomem todas as nossas energias. É difícil prescindir de nossas próprias emoções e sentimentos, mas esses alunos também são nossos alunos. Da nossa posição de poder e de autoridade (porque os temos), é fácil lançar a culpa nos alunos (falta de interesse, de motivação etc), mas sempre podemos explorar recursos e estratégias para melhorar o relacionamento e estimular os alunos. Pois nosso relacionamento com eles e nosso impacto global sobre eles dependerão, sobretudo de nossas próprias atitudes e do modo como nos vemos a nós mesmos e nossas dificuldades enquanto professores. Assim, o professor como facilitador e mediador do

conhecimento é aquele que leva à participação dos alunos, com objetivos da aula bem claros e definidos juntamente com os conteúdos a serem explorados. Aliados a algumas estratégias de ensino já citadas como meios de mobilização, construção e elaboração da síntese do conhecimento, a valorização da atenção e afetividade na relação e um olhar especial sobre este aluno, poderão sem dúvida auxiliar na prevenção de muitos dos problemas de aprendizagem. Podem também ser explorados como critérios para auxílio dos problemas já existentes, melhorando a habilidade de atenção e concentração, a síntese das idéias apresentadas, os argumentos consistentes tanto na colocação das idéias – oral e escrita - como na consistência das perguntas elaboradas, lembrando de motivá-lo a cada etapa desta intervenção docente. Focando em seus avanços, na superação de suas dificuldades, aprenderemos então, que o mais importante não é a dificuldade ou o encaminhamento, se necessário a outros profissionais. Mas a forma como nós professores reagimos às dificuldades dos alunos e extraímos delas lições, mensagens para a superação de nossas próprias dificuldades.

REFERÊNCIAS

- ANASTASIOU, Léa das Graças e ALVES, Leornir Pessate. **Processos de Ensino na Universidade** – pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville: Univille, 2006.
- BARBOSA, Laura Monte Serrat. **Psicopedagogia**– um diálogo entre a psicopedagogia e a educação. 2.ed.Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2006.
- BARBOSA, Laura Monte Serrat. A Psicopedagogia no Âmbito da Instituição Escolar. Curitiba:Expoente, 2001.
- DAVIDOFF, Linda. **Introdução à Psicologia**. 3.ed. São Paulo: Makron Books, 2001.
- FLETCHER, Jack M. *et al.* **Transtornos de aprendizagem** – da identificação à intervenção. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- JOSÉ, Elisabete. Assunção. **Problemas de Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1997.
- MORALLES, Pedro. **La relación profesor-alumno en el aula**. Madri: PPC S.A., 1998.